

"Graças a deus, a maioria converteu": a redefinição moral do bairro com a chegada da religião evangélica¹

Renan Lubanco Assis
Universidade Federal do Espírito Santos (UFES)

Resumo

Esta proposta visa discutir o a redefinição dos repertórios morais de um bairro da cidade de Campos dos Goytacazes – RJ, após a entrada da religião protestante. A localidade, antes conhecida por ter dado continuidade as práticas relacionadas aos valores de matriz africana e pela forte presença de um catolicismo popular, é tomada por uma religiosidade que esvaziou um espaço público que outrora fora ocupado por mães de santo na realização dos trabalhos, folias de reis, festas de Cosme e Damião, rodas de jongo, dentre outras práticas que eram tomadas como importantes demarcadores morais do lugar. Na medida em que o protestantismo foi adentrando, houve uma redefinição da rotina do bairro, pois famílias inteiras que frequentavam/organizavam as festividades, seja em terreiros, seja relacionadas ao catolicismo popular, se converteram; o que fez com que houvesse um significativo aumento da religiosidade protestante no lugar, com os seus sinais e símbolos visíveis e atuantes em um espaço público, que sequer rememora as tradições de matriz africanas, que hoje se fazem presentes apenas em espaços semipúblicos, dada a subordinação desta a uma moralidade evangélica.

Palavras-chave: Bairro, religião evangélica, redefinição moral.

Abstract

This proposal aims to discuss the redefinition of the moral repertoires of a neighborhood in the city of Campos dos Goytacazes - RJ, after the entrance of the Protestant religion. The locality, once known as having continued the practices related to African matrix values and the strong presence of a popular Catholicism, is taken by a religiosity that emptied a public space that had once been occupied by mothers of the saint in the accomplishment of works, folias of kings, parties of Cosme and Damião, wheels of jongo, among other practices that were taken like important moral markers of the place.

As Protestantism entered, there was a redefinition of the routine of the neighborhood, because entire families who attended / organized the festivities, whether in terreiros or related to popular Catholicism, were converted; which meant that there was a significant increase in Protestant religiosity in place, with its signs and symbols visible and active in a public space, not even reminiscent of the African matrix traditions, which are now present only in semiprops, given the subordination to an evangelical morality.

Keywords: Neighborhood, evangelical religion, moral redefinition.

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

O pé de manga

Após findado o meu trabalho de doutoramento, fui convidado por professores do Colégio Estadual Rotary II, para apresentar uma palestra sobre o bairro para os alunos. Foram duas apresentações, e como o turno da noite possuía muitos alunos, a igreja Batista se dispôs ceder seu espaço para que a palestra fosse realizada. Era uma quarta-feira, dia de “culto de oração”. Como havia poucos presentes para o culto, a palestra foi no templo, e o culto em uma das salas do térreo. Porém, algumas membros, ao invés de descerem para o culto, ficaram para assistir a palestra.

Falei, por, aproximadamente, uma hora, e ao final quando encerrei a minha apresentação, levanta-se uma senhora negra, aparentando ter entre 70 e 80 anos e idade, e pede o microfone. Pensei: ela vai confirmar, ou refutar os meus dados? Daí ela começa a falar: “É tudo verdade o que ele disse. O saci morava aqui no pé de manga que ficava na frente da igreja. O pastor que cortou o pé de manga”. Disse ainda que o terreno da igreja fora doado pelo seu pai, e que este não deixava ela ir às festas que tinham no bairro (se referindo ao jongo).

A fala dela, apesar de breve, evidenciou um processo importante de redefinição moral pelo qual o bairro passou com a chegada da religião evangélica. Ao entrevistar os mais velhos do bairro durante a pesquisa, sempre surgia a figura do saci, um ser lendário bem conhecido do folclore brasileiro. Nas representações dos moradores do bairro o saci estava sempre no alto de uma árvore e, durante a noite, assobiando. Ele ainda era tomado como importante na segurança dos que andavam pelas ruas de noite, portanto, um ser de agência reconhecida e respeitada. Quando a senhora fala do corte do pé de manga pelo pastor, enuncia uma nova moralidade adentrando no bairro. Moral esta que não reconhece como legítimo os *valores* significantes da localidade.

A partir desta perspectiva, irei aqui demonstrar como o processo de urbanização da cidade foi acompanhado de uma subordinação da moralidade local a uma moralidade relacionada aos grupos protestantes, que com o passar, do tempo foram ocupando os espaços públicos do bairro. As práticas relacionadas a dança, música, lendas e religião, relacionadas a moralidades de matriz africana, foram duramente combatidas.

Cidade de palha: um lugar com vida própria

[...] Tem vida própria. Muitas casas comerciais, armazéns de secos e molhados, lojas de fazendas, padaria, açougue, várias granjas, das quais se destacam do Professor Gentil de Castro Faria, que ali reside com a sua Exma. Família. [...] Possui uma escola pública subvencionada pelo Governo do Estado, uma capela de culto à N. S. da Conceição, estando já iniciado, também, um templo para o culto Batista.

(Guia Geral da Cidade de Campos, 1947, p. 121).

A Cidade de Palha, como era chamado o bairro de Custodópolis, fora criada por iniciativa do antigo proprietário das terras com objetivo de construir moradia própria para os antigos trabalhadores da propriedade. O proprietário em questão, era o Dr. Custódio Siqueira, filiado em Partido Comunista do Brasil e conhecido na cidade por médico dos pobres (Assis, 2016).

O bairro, como colocado na citação que dá início a esta seção, passou a possuir uma dinâmica própria, com diversas atividades comerciais e recreativas. No bairro havia uma rua destinada a corridas de cavalos, a conhecida até os dias de hoje como “Rua da Raia” e um campo de futebol importante, que hoje é o Campo do Grêmio. Com o tempo o bairro passou a ter cinema, Escola de Samba, e duas igrejas, sendo uma já existente na condição de capela e outra construída no momento em que o bairro está passando por uma transformação relacionada ao projeto de remodelamento urbano de 1944, direcionado por Salo Brand, prefeito nomeado pelo interventor Amaral Peixoto (Assis, 2016).

No “plano de remodelamento da cidade”, a proposta era integrar os “pontos mais pitorescos” do município, o que incluía a Cidade de Palha, que no guia geral ganha uma página especial. Há a elaboração de uma planta do plano de urbanização, e nesta a Cidade de Palha é integrada à sede do município a partir da abertura de novas ruas e avenidas². O plano, portanto, iria por um fim no isolamento do bairro que era dado pelas condições geográficas, uma vez que o mesmo era cercado por canaviais e com apenas duas avenidas que davam acesso à sede do município. E estas avenidas eram precárias, pois eram extremamente desertas e sem pavimento. Em treze de maio de 1948, o então vereador Professor Gentil de Castro Faria, morador do bairro, solicita serviços de “aplainamento das ruas do bairro” para que as mesmas se tornassem “carroçáveis”³. Neste caso, nota-se, pelo pedido, o quão precárias eram as ruas. Sobre as estradas, nos relatos

² Ver Assis, 2016.

³ Atas da câmara de vereadores -37 1948 a 1949, pp. 5-7.

obtidos no campo, falava-se que o mato “batia no alto da canela”, e em dias de chuva “ficava um lamaçal”.

Juntamente ao processo de urbanização da localidade, que está ocorrendo justamente no referido período em que se reivindica melhores condições para as vias, o bairro irá ganhar uma nova instituição que irá ser uma importante demarcadora moral da região: o templo de culto Batista. O templo fora construído na Rua da Raia, oficialmente, Rua Poeta Marinho. A chegada da igreja irá ser determinante para inserir uma nova moral na sociabilidade local, que era tanto relacionada tanto a um catolicismo sincretizado com a religiosidade de matriz africana, quanto a uma religiosidade predominantemente de matriz africana. Como veremos a seguir.

Custodópolis e os “tempos vividos”

[...] era uma herança dos tempos vividos, como Maria Anita, com *aquele* Tambor, com aquele *jongo*, né? Tambor de *terreiro* [...]. E hoje Custodópolis é uma herança da Cidade de Palha do jongo, do tudo... Fez uma mistura, uma miscigenação.

(Trecho da entrevista com Evaldo)

Evaldo, a partir de um recorte temporal denominado “tempos vividos”, estabelece uma relação entre objetos e práticas no processo de significação da experiência no bairro. Sobre esta perspectiva, Thomas e Znaniecki (2006 [1918], p. 110) fazem uma consideração que pode nos ajudar a compreender o recorte cognitivo de Evaldo, a partir da noção de valor, que, segundo os autores, é “cualquier dato que tenga un contenido empírico accesible para los miembros de un grupo social, y un significado con respecto a lo que es o puede ser un objeto de actividad”⁴. As atividades, envolvendo atores humanos em relação com não humanos, enunciavam os quadros de referências que as orientavam. Desse modo, as práticas, bem como, o que as envolviam, estavam intimamente relacionadas às moralidades experimentadas nas situações vivenciadas por aqueles grupos e pelas gerações imediatas que os sucederam.

Com relação ao Jongo de Maria Anita, em uma matéria do jornal A Notícia de junho de 1977, o jornalista Osório Peixoto da Silva faz a seguinte observação: “Caminhando para a direita, a gente já encontra em Custodópolis, o Terreiro de Jongo de Maria Anita. Todo sábado a gente pode encontrar um Jongo cerrado, com batuque e

⁴ “Valor social significa qualquer informação que tem um conteúdo empírico acessível aos membros de um grupo social, e um significado com relação ao que é ou pode ser um objeto de atividade”.

pontos magníficos, onde a poesia popular é encontrada intacta⁵”. Nesta descrição o autor destaca o quanto a localidade é marcada por uma prática que ele associa a “poesia popular”. Além de uma dinâmica colocada na sociabilidade local, o jongo possibilitava a circulação dos moradores em outras áreas da cidade, que também eram marcadas pelos valores oriundos da musicalidade, dança e religiosidade negra. Evaldo circulava em diversos territórios da cidade para tocar tambor nas festas de santo⁶, como ele mesmo destaca a seguir:

A gente lembra antigamente... Hoje ninguém quer cantar jongo, ninguém quer bater macumba, terreiro. Hoje é difícil, antigamente a gente vivia assim: vamos a Travessão? A gente ia até a pé, se fosse o caso. Pela fazenda do alto, comé [como é] ... Abadia, no Imbé, esses lugar, as festas de Santa Cruz. As pessoas se sacrificava, mas ia, porque era uma coisa do tempo antigo, porque era assim, uma coisa do tempo antigo.

(Trecho da entrevista com Evaldo)

Duas das localidades mencionadas por ele são destacadas em dois trabalhos dissertativos sobre territórios Quilombolas localizados no Imbé e em Travessão. Ribeiro (2011), em seu trabalho com *remanescentes de quilombos* em Conceição do Imbé, em Campos, delineia o cenário presente nos relatos de Evaldo. Ele faz menção às festas de Santo da comunidade estudada por Ribeiro (op. cit.) como sendo “coisas do tempo antigo”, o que é confirmado pela autora, quando esta destaca a “presença da religião [evangélica] muito forte” (op. cit., p. 98) como um empecilho para permanência de eventos envolvendo a dança e o jongo. Estas atividades acionam moralidades dos “mais antigos”, que eram ligados a “macumba”, o “candomblé” e ao “espiritismo”, portanto, negadas pelos grupos que hoje integram a igreja evangélica (op. cit., p. 51).

Outro trabalho relacionado ao Jongo, neste caso, em Travessão de Campos, também em Campos, destaca a ação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em uma busca pela “revalorização do negro (...) incentivando rodas de Jongo”. O território, apresentado como sendo remanescente de Quilombo, acaba por receber uma série de projetos de “recuperação” de elementos presentes outrora (Bastos, 2011, p. 142).

Em relação ao jongo em Custodópolis hoje, há uma construção política da categoria “jongo”, na qual grupos que compartilham dos valores oriundos de uma

⁵ Silva, Osório Peixoto. *Jongo e Garrafada*. Monitor Campista, Campos, 19 de jun. 1977, 2º caderno.

⁶ A definição dada por Evaldo as “festas de santo” é equivalente as apresentadas no trabalho de Zaluar (1983), nas quais eram realizadas diversas atividades que prestavam homenagens aos santos de devoção daqueles que realizavam a festa. Os santos,

moralidade negra, sentem-se motivados a envolverem-se em uma luta pelo reconhecimento da identidade no espaço público, o que Peláez (2013) denomina *politização da cultura*. A autora destaca a utilização da *cultura* como um modo de *justificação* plausível as reivindicações de reconhecimento identitário. Neste caso, há atualmente uma proposta de enquadrar a moralidade relacionada as matrizes africanas de Custodópolis em uma retórica que torne plausível o reconhecimento destas como um “patrimônio imaterial”; um referencial objetivo, no qual o jongo é mobilizado como um dispositivo de mediação entre o presente e o passado do lugar. Este objetivo vai ao encontro da lamentação de Evaldo, que saudosamente reflete sobre a ausência das “coisas dos antigos”.

Os trabalhos mencionados acima corroboram as declarações feitas por Evaldo, que percorria os circuitos de sociabilidade contíguos a Custodópolis em termos de conteúdos morais, no caso, a negra, na qual a presença do terreiro, do tambor, do jongo e das danças se faziam perfeitamente inteligíveis em seus enquadramentos cognitivos.

Além do jongo e das “festas de santo” Evaldo faz uma descrição da Folia de Reis que se fazia presente no bairro, cuja prática, segundo ele, era um momento de “diversão” e “devoção”. Vejamos o seu relato:

Também tinha a Folia de Reis dele, e aí ele morreu, o pai do Zé Pinto morreu, e Folia de Reis saiu há alguns anos depois e parou, que segundo a história, se você coloca uma Folia de Reis na rua você tinha quer sair com ela, pelo menos, por sete meses [sete anos], naquela época... Aí o pessoal hoje diz: ‘coisa de gente velha’. Não. Antigamente ‘era’..., as pessoas faziam as coisas com devoção, e tinha medo de quebrar o pacto. Era sete anos pra você podê desfazer. Então, aquilo passava, às vezes, de pai pra filho. Hoje em dia ninguém quer mais fazer isso. E a tradição vai acabando, né? E era muito bom!
(Trecho da entrevista com Evaldo)

A Folia é tomada em seu relato como algo que provoca um sentimento saudosista, uma vez que esta prática já não se faz mais presente no repertório de objetos do bairro. É importante compreendermos o modo como ele delineia a prática da Folia de Reis, uma instituição dotada de uma ritualidade combinada com a festividade.

No que diz respeito à devoção, este fato é tratado por ele como coisas dos antigos, que no caso, se relaciona com a noção de tradição, que para ele está em oposição ao “hoje em dia”, ou seja, o bairro urbanizado. Há uma construção mística em seu discurso em torno das festas. Todas as festas relatadas por ele estão relacionadas à religiosidade, mais especificamente, as presentes no bairro, que envolvem não somente o terreiro, mas ainda o *catolicismo sincretizado* (ver: Zaluar, 1983). As citadas festas são católicas, mas as

práticas apresentadas por ele descrevem festejos caracterizados por elementos de religiões afro-brasileiras. A crença da magia é muito presente em seu discurso quando ele faz menção a possível consequência na quebra do pacto com a “tradição” da Folia de Reis. Ele se situa como quem experimentou a tradição, e hoje, vivencia o progresso do bairro, marcado pela perda dos referenciais que fundaram o bairro. A Folia de Reis, bem como as demais situações descritas por Evaldo, delineiam os vínculos entre grupos que compartilhavam os valores difundidos na formação do bairro.

A fala de Evaldo é fortemente marcada pelo contexto experimentado por ele no bairro, neste caso, relacionado aos grupos que possuíam uma circulação marcada por práticas relacionadas a presença negra, que com os novos processos de ocupação, passaram a perder a evidência, dada a mudança sofrida no processo de urbanização.

“A maioria ficou evangélico”: uma redefinição moral do bairro.

Aí tinha a igreja de São Jorge, tinha o mastro, aqui (se referindo a igreja Católica Nossa Senhora da Conceição) era mais a procissão, era a virgem, os anjos, e lá já era São Jorge Guerreiro... os meninos. Os meninos que saíam na procissão, aí a dança do mastro, que eles faziam. Era a coisa mais linda! Era linda! Eles dançavam com o mastro assim, pra lá e pra cá, trocavam... Era uma coisa muito bonita. Isso movimentava o comércio local, vinha gente de fora. Era uma grande festa! [E a igreja de São Jorge?] Acabou. Que a maioria ficou evangélico, né?! Graças a deus converteram!
(Trecho da entrevista com Ângela)

Ao dizer: “a maioria virou evangélico, graças a deus converteram”, após eu perguntá-la sobre a festa de São Jorge, ela evidencia uma oposição que dá sentido à moralidade da qual faz parte. Esse processo de negação, inclusive, compõe o processo de conversão que necessita do anúncio público para se *efetivar*⁷.

A conversão, na fala dela, tem uma relação com o fim da igreja de São Jorge. Consequentemente, com o fim das festas promovidas pela capela. Durante o trabalho de campo, fui em busca de informações sobre a festa, e o que sempre ouvia era que o responsável pela igreja havia falecido e o seu filho, evangélico, não deu continuidade às festividades. A capela, inclusive, tinha uma forte relação com um terreiro importante que

⁷ Aquilo que produz efeito conforme Werneck (2009; 2012). Neste caso, as práticas sociais são efetivas na medida em que produzem efeitos simbólicos reconhecidos amplamente em uma situação social. O autor utiliza a expressão “é assim mesmo” como um exemplo do que seria uma efetivação na prática.

ficava próximo a ela, o de “Mamado”. A festa, portanto, não se restringia apenas a rua e a capela, mas também ao terreiro.

A conversão ao protestantismo tem redefinido a situação do bairro de modo muito incisivo, o que subordinou a forma como alguns moradores do bairro passaram a se relacionar com as instituições já mencionadas. A Escola de Samba União da Esperança é uma delas. Uma conversão que é muito lamentada pelos interlocutores é a de Pretinho, um antigo compositor que, segundo Evaldo, rendeu vinte seis títulos à Escola de Samba. Em entrevista com Pretinho lhe perguntei se ele havia dado continuidade a sua habilidade de compor. Ele respondeu que no início tentou, mas foi “abordado por alguns do ministério” que lhe disseram: “na igreja o homem não aparece”. A pós esta “abordagem” passou a ser tesoureiro e se desvinculou da carreira construída como integrante da Escola de Samba. Em uma ocasião do recebimento de uma homenagem pela escola afirmou ter ido, mas não levou o troféu para casa, pois, de algum modo, tem buscado desvincular o seu novo estilo de vida ao adotado quando membro da Escola de Samba. Trata-se de um processo de conversão *efetivo*. Este ato, de acordo com Corrêa (2015, p. 228) é um “anuncio público” sujeito às “provas, testes, dificuldades, dilemas, desafios, problemas e questões”, não uma mudança repentina. Pretinho, de grande compositor da Escola de Samba União da Esperança, passa a membro da igreja Cristã do Brasil; e esta, de acordo com Mariano (1999) possui uma postura sectária e um ideário ascético, com algumas alterações nos usos e costumes. Esta denominação religiosa fez parte da *primeira onda* pentecostal no Brasil (Freston,1994). Sobre a presença da religião evangélica de modo geral no bairro, Pretinho fez as seguintes considerações.

Eu acho que no tocante o crescimento do bairro houve mudanças. Custodópolis era um bairro folclórico, né? Na minha época não se falava só do futebol, se falava do jongo da folia de reis, era um bairro muito composto nessa parte também, entendeu? O samba, entendeu? Que nós já falamos, são coisas que o passado nos levou. Tanto é que eu posso dizer que houve avanço. Embora estas coisas ficaram esquecidas [...] e o evangelho em Custodópolis também cresceu muito. Cresceu muito o evangelho em Custodópolis, a conscientização das pessoas, a pessoa vê que o caminho é Cristo. Eu acho bonito quando eu chego ali em Custodópolis, final de semana, e vejo as pessoas correndo para as igrejas. Cresceu muito também nessa parte aí, não só comercial, mas também no evangelho.

Pretinho, a partir de sua trajetória, estabelece, assim como Evaldo, um marco entre o “bairro folclórico” e o “avanço” provocado por mudanças que não se restringem apenas aos aspectos físicos, mas também morais. O que ele denomina “Custodópolis folclórica” faz referência aos objetos presentes no contexto de Evaldo. No tocante ao “avanço”, este

está relacionado ao seu novo quadro de referência elaborado pela religião evangélica. Ao fazer a descrição do bairro após as mudanças, apresenta o seguinte cenário percebido por ele nos finais de semana: “pessoas correndo para as igrejas”.

A sua “conversão” nos permite pensar nos modos como a situação fora redefinida a partir das transformações pelas quais o bairro passou. Como Evaldo destacou, as instituições presentes na Cidade de Palha eram o futebol, a Escola de Samba, a igreja católica, a folia de reis, enfim, atividades que estavam relacionadas a um primeiro grupo que ocupou o bairro, e na medida em que novas instituições foram chegando, o campo de possibilidades fora ampliado, o que permitiu aos moradores a interação em novos quadros.

A presença “dos crentes”, como são popularmente chamados pelos moradores, é muito forte, pelo menos, são mais visíveis no espaço público nas práticas de “evangelização”. Andar pelas ruas do bairro é se tornar acessível a esta prática, seja recebendo um jornal da Igreja Universal, seja recebendo folhetos com mensagens religiosas das outras igrejas evangélicas. Sobre este aspecto, Feltran (2008, p. 180) em sua tese de doutoramento realizada em uma das “periferias” de São Paulo, faz a seguinte afirmação: “O catolicismo original das famílias rurais, que se manteve nas famílias operárias, passou nas últimas décadas a ceder fiéis para diversas outras religiões, sobretudo as evangélicas”. A publicidade da igreja Católica, em minhas observações, ocorre através da realização de procissões com fogos de artifícios, geralmente em datas comemorativas, como o caso do “Domingo de Ramos”, mas as suas festas populares presentes nas falas dos interlocutores cederam lugar para novas situações presentes no bairro.

A religião evangélica elabora a sua reputação no bairro a partir de uma imposição moral em uma disputa com as demais religiões presentes, uma relação entendida pelos especialistas neste campo como *intolerância religiosa* (ver: Giumbelli, 2006; Birman, 2006; Silva, 2007; Mariano, 2007). Neste caso, “atitudes que resultam em diferentes modalidades de violência (física, verbal ou psicológica) exercidas por determinados sujeitos sociais contra outros de uma dada tradição religiosa” (Fernandes, 2015, p. 2).

Essa redefinição da situação é possível devido a sucessão (Park, 1948, p. 320) de moradores na localidade, que inclusive, fica evidente em uma declaração de Maria Anita ao periódico A Notícia⁸: “*Meus brancos que quiserem brincar, podem chegar sem susto.*

⁸ Silva, Osório Peixoto. *Terreiro que canta galo, galinha não pode cantar*. A Notícia, Campos, 27 de jun. 1976.

É só respeitar *nossa* brincadeira, não tocar em nossas filhas e não puxar briga. O resto é jongo puro”. Neste caso, há uma evidente separação entre os “meus brancos” e a “nossa brincadeira”. A expressão “meus brancos” refere-se aos brancos que circulavam em um mundo no qual o Jongo ocorria. Estes, apesar de serem “meus”, deveriam “chegar sem susto”, o que demonstra que eles não eram categorizados como pertencentes ao referido mundo, mas poderiam participar se correspondessem às definições dadas na situação. O jongo era uma das práticas possíveis e a chegada da moralidade “evangélica” propiciou novos delineamentos.

“A maioria ficou evangélico, né?! Graças a deus se *converteram!*”. A conversão confere ao ator um novo enquadramento cognitivo, no caso, uma moralidade que vai de encontro à moralidade relacionada a religiosidade negra, situações como já destacadas acima. Ângela, durante a nossa entrevista, mencionou várias instituições antes de mencionar as evangélicas, e estas, por sua vez, possuíam repertórios de objetos compartilhados entre si, e não foram apresentadas como conflitantes, pelo menos, não na fala dela. A religião evangélica na exposição feita por Ângela se comunica com a religiosidade afro ao se afirmar em uma relação de disputa. Neste caso, a negação da validade da ação do outro é o que garante a separação e a validação daquele que nega. A separação, neste caso, é evidente devido à proximidade. Não há disputa se não houver encontro, logo a conversão é uma ação de recusa às práticas oriundas de uma moralidade dos primeiros ocupantes da localidade.

Algumas práticas relacionadas aos “tempos vividos” não foram de todo negadas; foram ressemantizadas. A igreja Batista realizou um evento denominado “Conexão na Roça”. O evento remete às festas de santo mencionadas por Evaldo, bem como as festas realizadas pela Igreja Católica, porém, há uma necessidade de fazer algumas alterações para que um mundo se apresente publicamente como distinto daquele “dos antigos”, refletindo o efeito da “conversão”.

A atração principal do evento é o MC Dedé. O MC (*Master of Ceremony*) é um personagem que não surgiu no Brasil, e sim, no *Bronx*, nos anos 1960, cuja função seria acompanhar o DJ (*Disc Jockey*) que fazia o *scratch*, arranhando o vinil dos toca-discos no sentido anti-horário como instrumento musical (Vianna, 1988, p. 46). O referido personagem fora adaptado ao “Funk Carioca⁹”, e no evento organizado pela igreja, foi moralizado como via de atender aos novos valores colocados pela igreja evangélica.

⁹ Viana (1988) está tratando de um estilo musical que está entrando no cenário carioca, mas existem trabalhos contemporâneos que tratam do estilo e como ele tem enfrentado diversas problemáticas nas

No tocante a este modo de operar da religião com elementos pertencentes a um universo secular, Pinheiro (2007, p. 173) faz a seguinte consideração:

Num jogo eficaz, em que se destacam a liberdade e a equiparação da “festa” à igreja, a moralidade é estendida e, ao mesmo tempo, limitada, para que o “crente”, o fiel, não seja alocado em esfera marcada pela liberalidade e perca, assim, a sua especificidade.

Neste caso as práticas denominadas seculares em outros contextos de experiência fora do mundo religioso, são ajustadas a este. Neste caso há uma redefinição da religião para que esta esteja em compasso com as práticas existentes em seu contexto. Com relação a este aspecto, Mesquita (2012), ao tratar da atuação de um “bloco evangélico” no “carnaval carioca” sinaliza para um *crescimento e dinamismo* da religião que tem acompanhado as mudanças da sociedade contemporânea.

Como destacado até aqui, os delineamentos morais do bairro foram sendo modificados a partir do momento em que o bairro enfrentou transformações relacionadas ao que Pretinho e Evaldo, respectivamente, denominaram “avanço” e “dias de hoje”. No trecho a seguir Evaldo, assim como Pretinho, equaciona crescimento, progresso e o aumento das religiões:

Era muita cana, muito mato, foi que de repente surgiu Morro de Fátima [**que hoje é o...?**]. Que hoje é o Santa Rosa [**veio depois de Custodópolis?**] É, bem depois! Depois de Custodópolis. Morro de Fátima, ai teve Bandeirante, e assim foi. Mas esses lugar era tudo cana, tudo canavial. E aí foi se formando. Hoje é uma **comunidade bem grande**, com uma **população bem vasta**. Fazia parte do que os outros dizem: ‘**é um lugar de várias religiões, comércio da melhor qualidade**’. Ai, quando era Cidade de Palha, dá saudades, pelo tipo de vida que a gente tinha. Tinha que ter desenvolvimento, tinha que haver outros serviços. Antigamente quem não cortava cana trabalhava na usina, quem não trabalhava na usina cortava cana. Era o emprego.
(Trecho da entrevista com Evaldo)

A alteração pela qual o bairro passou no recorte feito por Evaldo o afeta moralmente pelo fato das mudanças não “respeitarem” as ‘tradições’, que segundo o seu enquadramento cognitivo, está relacionada às práticas relacionadas as religiões afro sincretizadas em um catolicismo popular. A chegada de novos moradores alterou significativamente a sociabilidade presente no que ele denomina “tempo dos antigos”, no entanto, pode-se compreender a partir do enquadramento presente em seus relatos, bem como na afirmação de Ângela, de que a “maioria ficou evangélico”, que há uma

áreas onde ele é tocado, enfrentando, inclusive, processos de “criminalização” por agentes estatais (Ver: Silva, 2009; Mattos, 2014).

redefinição da situação do bairro na medida em que este estabelece maior comunicação com a sede do município, fator que está diretamente ligado ao seu crescimento demográfico.

Considerações finais

Sobre o que fora colocado até aqui, podemos considerar que o processo de urbanização analisado neste artigo agiu conjunto a um processo de expansão da religião evangélica. E esta, diferentemente do catolicismo que já se fazia presente no bairro, não foi capaz de integrar os valores de matriz africana ao seu repertório moral, portanto, atuou redefinindo a moral que já se fazia presente no bairro.

O bairro desde sua formação, por ter estado isolado dado o difícil acesso a sede do município devido as estradas precárias, criou uma vida própria, com uma sociabilidade muito marcada pelos valores das tradições de matriz africana, uma vez que fora ocupado majoritariamente por negros que trabalhavam na propriedade do Dr. Custódio Siqueira e em usinas que eram ligadas ao bairro pelas estradas. A dinâmica interna produzida por uma espécie de isolamento dos moradores em relação ao município sede, manteve algumas tradições que eram tipicamente realizadas por negros, como o caso do Jongo.

Na medida em que o processo de urbanização iniciado nos anos 1940 começa a ser pensado, novos grupos migram para a localidade, e com estes, há também a migração de uma nova religião: a evangélica. Na medida em que esta começa a se expandir no bairro, novos arranjos morais começam a subordinar os valores locais em um processo de negação. Uma região com grande predominância das religiões e práticas de matriz africana, impuseram ao cristianismo evangélico uma necessidade de diferenciação, dado que este é marcado justamente por este processo de separação, que é uma marca emblemática que evidencia a efetivação do processo de conversão.

Mediante ao que fora descrito até aqui, podemos concluir que as novas práticas relacionadas à urbanização da cidade, imprimiu uma nova forma de sociabilidade no bairro, e esta está longe de ser agregadora, pois foi norteadada por um princípio da auto segregação para afirmação dos novos grupos. E as antigas práticas carecem de uma base local, o que faz com que as práticas ligadas aos terreiros passem a depender de políticas afirmativas. As religiões de matriz africana estão cada vez mais silenciadas no espaço público, cedendo lugar às práticas de evangelização.

Bibliografia

ASSIS, Renan Lubanco. *Morador de Custodópolis e morador de Guarus: a moradia como um símbolo de estigma na cidade de Campos dos Goytacazes - RJ*. Rio de Janeiro. Tese PPGSP/UENF, 2016.

BASTOS, Fernanda Conceição de Souza. *Cultura, política e os fazeres da Comissão Pastoral da Terra (CPT)*. Dissertação de mestrado em Sociologia Política. Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro, 2012.

BIRMAN, Patrícia. *Percursos afro e conexões sociais: negritude, pentecostalismo e espiritualidades*. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil – continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: 2006, pp: 189-205.

CORRÊA, Diogo Silva. *Anjos de fuzil: uma etnografia das relações entre igreja e tráfico na Cidade de Deus (Tese de Doutorado)*, IESP/UERJ, Rio de Janeiro –RJ, 2015.

FELTRAN, Gariel Santis. *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH/Unicamp, 2008.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *Sociologia da religião, pluralismos e intolerâncias: pautas contemporâneas*. Contemporânea ISSN: 2236-532X v. 5, n. 2 p. 289-308 Jul.–Dez. 2015.

GUIA GERAL DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTAVAZES. *Cidade de Palha*. Campos Estado do Rio de Janeiro. Ano V, nº5, Janeiro de 1947.

GIUMBELLI, Emerson. *Um projeto de cristianismo hegemônico*. In: ORO, Ari Pedro; SILVA, Vagner G. (Org.). *Intolerância Religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007, pp: 149-169.

MARIANO, Ricardo. *Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros*. In: SILVA, Vagner (Org.). *Intolerância Religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo religioso brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007, p:119-148.

FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto et all. *Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARIANO, Ricardo. *Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros*. In: SILVA, Vagner (Org.). *Intolerância Religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo religioso brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007, p:119-148.

MESQUITA, Wania Amelia Belchior . *Conversão na folia: o carnaval evangélico no Rio de Janeiro*. In: Mesquita. W.A.B.; Amaral, L., Freitas, L.. (Org.). *Festa em perspectiva e como perspectiva*. 1ed.Rio de Janeiro: Garamound, 2012, v. 1, p. 105-117.

PARK, Ezra Robert. Sucessão [1936]. In: **PIERSON**, Donald. (Org.). Estudos de ecologia humana, Tomo I de *Leituras de Sociologia e Antropologia Social.*, São Paulo: Martins, 1948.

PELÁEZ, Daniela Velásques. *Sociedades com estado: trajetória política de uma liderança em Campos dos Goytacazes.* Trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais. Universidade Federal Fluminense, 2013.

PINHEIRO, Márcia Leitão. *Música, religião e cor: uma leitura da produção de black music gospel.* *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 27(2): 163-180, 2007.

RIBEIRO, Yolanda Gaffrée, *Os limites da reforma agrária e as fronteiras religiosas: os dilemas dos remanescentes de quilombos do Imbé – RJ.* Dissertação de mestrado em Sociologia Política. Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro, 2011.

SILVA, Osório Peixoto. *Terreiro que canta galo, galinha não pode cantar.* A Notícia, Campos, 27 de jun. 1976.

SILVA, Vagner (Org.). *Intolerância Religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo religioso brasileiro.* São Paulo: EDUSP, 2007.

SILVA, Viviane Ramiro. *Da medicalização à patrimonialização: as ações de reconhecimento da medicina popular engendrada por agentes associado à rede Fitovida.* Dissertação de mestrado em Sociologia Política. Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro, 2012.

WERNECK, Alexandre. *De Adão ao Bom Ladrão: Uma sociologia pragmatista da moral ampliada por uma perspectiva pluralista de bem inspirada pela desculpa.* In: *A desculpa: As circunstâncias e a moral das relações sociais.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

_____. *Moralidade de bolso: A 'manualização' do ato de dar uma desculpa como índice da negociação da noção de 'bem' nas relações sociais".* Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Vol. 2, n. 3, pp 107-141, 2009.

THOMAS, William Isac; **ZNANIECKI**, Florian. *El Campesino Polaco en Europa y en América.* Madri: Boletim Oficial del Estado/Centro de Investigaciones Sociológicas, 2006.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1988.

ZALUAR, Alba. *Os Homens de Deus: Um Estudo Comparativo sobre o Sistema de Crença e Prática do Catolicismo Popular em Algumas Áreas do Brasil Rural.* Rio de Janeiro, Zahar, 1983.